

A criança e o brinquedo

Festa de aniversário. Não um aniversário comum, o aniversariante é seu afilhado, então começam as preocupações sobre o que você vai dar de presente, afinal é seu afilhado... e do padrinho espera-se sempre algo especial, diferente, em geral, melhor que os presentes dos parentes e amigos. Depois de muito investigar, você resolve comprar um presente sensacional, seu afilhado vai adorar, toda criança gostaria de ter um desses. Sim, é caro, mas vale a pena... Depois de assinar alguns cheques pré-datados, você sai da loja ansioso para entregar o presente. No dia da festa, expectativa para saber o que o padrinho vai dar, orgulhoso do presente que vai entregar, você espera superar as expectativas e observa atento as reações do seu afilhado e, sobretudo, dos parentes e amigos. Dois minutos depois da entrega e de observar o que o brinquedo é capaz de fazer, a criança é interrompida por um vizinho tentando entregar um presente, quase sempre acompanhado da frase: "Não repara não! É só uma lembrancinha!..." Segue-se a surpresa de todos, quando a criança abandona o presente sensacional do padrinho e não larga mais a "lembrancinha" que o vizinho deu. Frustração geral! Como é possível uma criança preferir uma "lembrança" de R\$ 1,99 a um presente de padrinho, comprado em prestações a perder de vista?

Quem já não viveu uma situação parecida?

O que importa analisar aqui não é o valor material do presente, mas sim o significado e a representação do mesmo para a criança. Entenda-se por significado, a possibilidade de interação permitida pelo brinquedo. Observar um maravilhoso robô que acende luzes, se movimenta sozinho, fala e realiza outras tantas tarefas, é apreciado pela criança até o momento em que as possibilidades do brinquedo se encerram, quer dizer, depois de explorado o objeto é esquecido, pois não permitiu maior interação. Ao receber a "lembrancinha" a criança percebe a possibilidade de exploração do brinquedo e assim começa a investigar como interagir com o objeto. A bola, a boneca, o carrinho são exemplos clássicos de brinquedos que permitem explorações livres; no entanto, existem carrinhos e carrinhos. Ao receber um carrinho de plástico colorido como uma "lembrancinha", a criança imediatamente põe-se a pesquisá-lo e o faz, geralmente, testando suas possibilidades. Podemos perceber tal exploração quando vemos a criança retirar as rodas e tentar colocá-las novamente, trocá-las de posição ou mesmo fazer com que o carrinho ande sem as rodas. A interferência do adulto, neste caso, será mínima, permitindo a exploração do brinquedo pela criança, mas é provável que o mesmo não ocorresse se o carrinho em questão fosse caro e pudesse quebrar com a manipulação. Isto significa que, nem sempre quando uma criança desmonta um carrinho ou uma boneca, o faz para destruir o brinquedo; é possível que esteja reconhecendo o mesmo, explorando-o de outras formas, diferente das usualmente utilizadas.

É por isso que ao visitar casas de parentes e amigos que têm filhos pequenos, observamos muitos brinquedos em cima do armário, estes são os que podem quebrar se a criança brincar, provavelmente, de maior valor material e que permanecerão guardados até que os pais entendam que o brinquedo já não será quebrado e decidam entregá-lo. O problema é que o tempo já passou e os interesses mudaram, o brinquedo não foi e não será utilizado, pois não atende

mais às expectativas da fase de desenvolvimento atual. Fica o apelo para que os pais tirem os brinquedos do armário. Armário não brinca!

Em outras oportunidades abordaremos outras funções do brinquedo para a criança.